



LHM

NADEJDAS, VÂNIAS E MARIAS: ENTRELAÇANDO MEMÓRIAS, CANÇÕES E POESIAS

Paula Márcia Lázaro da Silva* ¹

*Universidade Federal de Catalão (UFCAT)

e-mail: paula_marcia@discente.ufcat.edu.br

Ana Paula Rabelo* ²

*Universidade Federal de Catalão (UFCAT)

e-mail: anarabelo@discente.ufcat.edu.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre a trajetória de três mulheres e suas relações com a arte e a resistência ao silenciamento que, historicamente, assombra o protagonismo feminino, sufocando anseios e buscas por uma existência plena e legítima. Nadejda, esposa do poeta Russo Óssip Mandelstam, acompanhou o exílio do marido na Rússia stalinista enquanto memorizava seus poemas na tentativa de garantir que a obra de Óssip sobrevivesse ao tempo e se tornasse conhecida das futuras gerações. Maria Vânia, cantora e cofundadora do grupo mineiro “Trem das Gerais”, ao lado do marido e dos dois filhos, dedica-se a propagar canções autorais, de domínio público e de compositores regionais, cuja arte insiste em manter vivas as tradições populares das “Gerais”. Sua voz de mulher “Cantadeira”, como se autodenomina, ressoa da região do Triângulo Mineiro para o mundo. E como Minas são muitas, Maria Lira Marques fecha esse trio feminino com a força e a arte que brotam do barro e das canções de trabalho das mulheres do Vale do Jequitinhonha.

Palavras-chave: Memória. Vozes Femininas. Arte. Cultura.

NADEJDAS, VANIAS AND MARIAS: INTERTWINING MEMORIES, SONGS AND POETRY

Abstract: This work aims to reflect on the trajectory of three women and their relationship with art and the resistance to silencing that historically haunts women's protagonism, suffocating longings and searches for a full and legitimate existence. Nadejda, wife of the Russian poet Ossip Mandelstam, followed her husband's exile to Stalinist Russia while memorizing his poems to ensure that Ossip's work would survive time and become known to future generations. Maria Vânia, singer and founder of the Minas Gerais group “Trem das Gerais”, that, along with her husband and two children, is dedicated to propagating authorial songs, in the public domain and by regional composers, whose art insists on keeping popular traditions of “Gerais” alive. Her female voice “Cantadeira”, as she calls herself, resonates from the Triângulo Mineiro region to the world. And as

1 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Catalão (UFCat), Goiás. Arte-educadora do Instituto Circo da Vida, Uberlândia, MG e Microempreendedora. Orcid: 0000-0001-9277-8474

2 Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Catalão (UFCat), Goiás. Professora de Língua Portuguesa/Inglês do Instituto Federal Goiano (IF Goiano) – Câmpus Urutaí. Orcid: 0000-0001-9084-8475



Minas are many, Maria Lira Marques closes this female trio with the strength and art that spring from the clay and the work songs of the women of Vale do Jequitinhonha.

Keywords: Memory. Female Voices. Art. Culture.

Introdução

A ideia deste artigo surgiu a partir da leitura do livro *O que ela sussurra*, de Noemi Jaffe. O romance, misto de ficção e realidade, traz a personagem principal Nadejda Mandelstam, uma mulher com uma vida extremamente difícil que, junto ao marido, o poeta Óssip Mandelstam, enfrentou duras perseguições políticas durante o regime totalitário da Rússia de Stálin. A história marcante de Nadejda, que memorizava e sussurrava os poemas do marido para não deixar a obra dele cair no esquecimento, a transforma em protagonista de uma trajetória de luta pela existência e pela preservação da memória.

Assim como Nadejda, muitas mulheres têm uma semelhante história de resistência, de luta pela autonomia e sobrevivência em uma sociedade onde o patriarcalismo ainda define rumos. Diante desse quadro, no artigo em tela, procuramos traçar um paralelo entre Nadejda e duas presenças femininas marcantes na cultura popular mineira: Maria Vânia e Maria Lira Marques; três mulheres que, embora nascidas em tempos e contextos distintos, possuem em comum a marca incessante do fazer artístico e da preservação de uma memória individual e coletiva, carregando consigo a potência criativa contida no universo feminino.

Para Nadejda, a arte, a liberdade e o próprio existir são como água escorrendo pelos dedos enquanto o passar do tempo a oprime e molda as memórias do que foi e ainda será vivido, conforme Jaffe relata no trecho a seguir:

faço com o tempo o que fiz com o casaco: fico segurando. De vez em quando eu grito, sozinha, e nessas horas o tempo passa, mas era isso mesmo que eu queria, ou você acha que é fácil ficar segurando o fluxo das coisas? Quase sempre eu gostaria mesmo é de morrer também; não aguento mais dar aulas para quem não se interessa por nada, eu também sendo perseguida só por estar viva, por ter sido tua mulher, porque a educação, para esses primatas do governo, é só louvação daquele dos dedos grossos e curtos. Mudo de um lugar para outro, trabalho durante a noite, nunca sei muito bem onde vou dormir e, quando durmo, fico escutando as ferragens dos elevadores e, a cada solavanco, acho que você vai chegar ou partir ou que eles estão vindo me buscar para interrogatórios ou para que eu morra de uma vez. (JAFJE, 2020, p. 6).



Suas palavras demonstram a angústia de ser mulher e de entrelaçar sua vida ao destino do marido poeta e ao compromisso em manter viva a obra dele. Em outra perspectiva, essa mesma angústia também acompanha Maria Lira Marques, que a partir de agora é tratada por Lira Marques, como é conhecida em Araçuaí, cidade mineira da região do Vale do Jequitinhonha, onde ela nasceu. De acordo com o Museu da Pessoa (2021),

Maria Lira Marques Borges nasceu em 13/01/1946, em Araçuaí, Vale do Jequitinhonha. Filha de pai sapateiro e mãe lavadeira, foi com ela que aprendeu a arte da cerâmica e do canto. Quando ajudava a mãe a passar as roupas, para vencer a preguiça, acompanhava o canto de trabalho que a mãe entoava. Tendo uma infância e adolescência presa em casa, foi com a chegada do Frei Chico na cidade que começou a participar do grupo de coral Trovadores do Vale. Diante do seu conhecimento nos cantos populares, foi convidada pelo Frei a ser pesquisadora da cultura do Jequitinhonha, o que influenciou também no seu trabalho como artesã.

Com as memórias preservadas da infância e do contato com os cantos de sua mãe, Lira Marques contribuiu significativamente na preservação do patrimônio cultural imaterial dos povos do Vale do Jequitinhonha, os quais carregam grande riqueza cultural, embora sejam assolados, de um lado, pela aridez da seca e, de outro, pela ausência das políticas públicas de combate à pobreza. Mesmo diante de muitas adversidades, Lira Marques se configura como uma artista popular, disseminadora da cultura de seu lugar e propagadora das riquezas do Vale do Jequitinhonha – heranças culturais, também, do povo brasileiro; pelo qual devem ser conhecidas, acessadas e preservadas. Em sua trajetória, abordada neste artigo, estabeleceu importantes parcerias; uma delas com o Frei Chico³, outro personagem essencial para a preservação do patrimônio cultural imaterial do Vale do Jequitinhonha.

E, por fim, chega-se ao Triângulo Mineiro, berço do grupo Trem das Gerais e lugar em que brotam as memórias e saberes culturais essenciais à trajetória artística de Maria Vânia. Mesmo sendo parte do estado de Minas Gerais, essa região possui características históricas, políticas, sociais e culturais completamente diferentes do Vale do Jequitinhonha. Ainda assim é possível encontrar interseções entre a resistência do fazer cultural de Lira Marques e a poesia cantada e entoada na voz de Maria Vânia, por exemplo, o olhar feminino na preservação da cultura e da memória de um Brasil simples e acolhedor.

A metodologia utilizada para entrelaçar caminhos tão distintos partiu de pesquisa bibliográfica sobre a personagem Nadejda, da obra anteriormente mencionada, de Noemi

³ Francisco Van der Poel, frei franciscano.



Jaffe, e do levantamento de atividades artísticas promovidas pelas outras duas mulheres que completam essa trilogia feminina, como letras de canções e publicações referentes à constituição das memórias e trajetórias de vida.

2. Vozes femininas: história, memória e cultura

Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor, é a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar, e não vive, apenas aguenta
Mas é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria, mistura a dor e a alegria.
(MARIA..., 1978).

Canções e poesias estão, quase sempre, recheadas de memórias. Em muitas obras, o valor de fatos e sentimentos vividos torna-se marcante na existência de quem viveu e na vida dos que tomam conhecimento, dos que herdaram experiências de outrora. Deleuze aponta que “escrever é uma questão de devir, sempre inacabado, sempre a fazer-se, que extravasa toda a matéria vivível ou vivida. É um processo, quer dizer, uma passagem de vida que atravessa o vivível e o vivido” (DELEUZE, 1993, p. 11). Assim, essa experiência de escrever para lembrar, para compor uma canção, ou, ainda, escrever na memória para não esquecer, é um componente essencial do arcabouço da cultura imaterial, cultura vivida na tessitura da vida. As cidades pequenas, cravadas nos rincões e nas distâncias das grandes capitais, muitas vezes desprovidas de recursos e serviços sociais públicos, entrelaçam seus moradores em um círculo comunitário, nutrindo necessidades básicas e, ao mesmo tempo, produzindo culturas e saberes. Esse movimento comunitário também pode acontecer em situações de guerra e de regimes totalitários em que ao povo é imposto apenas um modo de agir e, como na experiência de Nadejda, as pessoas buscam uma forma de não se esquecerem desse sentimento de pertencimento à sua cultura e à sua comunidade.

Em seu livro *O que ela sussurra*, Noemi Jaffe parte da comovente e real história de Nadejda Mandelstam e seu marido, o poeta Óssip Mandelstam, para ressaltar a importância e o poder da memória. O romance apresenta uma narrativa em primeira pessoa, mediante a qual a personagem Nadejda (cujo nome é o da esposa do poeta na história real) relembra momentos de sua relação com Óssip, mesclando cenas de perseguição e tortura que ambos sofreram juntamente com outros intelectuais russos ao longo do período conhecido como stalinismo. Em meio aos relatos de memória do passado, às narrativas do presente e aos



planos para o futuro, Nadejda vai apresentando ao leitor suas técnicas de memorização, desenvolvidas com a missão de guardar poemas. Com a morte do marido, a vida de Nadejda se torna mais difícil. Os poemas de Óssip foram proibidos pelo regime stalinista; e quem tivesse alguma cópia impressa deles poderia ser condenado. A personagem passa, então, a sussurrar, todos os dias, cerca de 300 poemas, para que não fossem esquecidos. É, portanto, com base no papel de guardar a memória do marido que a narrativa se desenvolve. Segundo Jaffe (2020, p. 24),

a Rússia inteira sussurra. Mulheres sussurram poemas e cartas; velhos sussurram provérbios antigos e canções; trabalhadores do campo entoam rezas secretas; espíões arrependidos murmuram pedidos de perdão; antigos amigos se encontram e se cumprimentam timidamente; nos enterros ou homenagens aos mortos, as pessoas dizem nomes e palavras entredentes; segredos são passados subterraneamente de bar em bar, casa em casa; denúncias são entregues em papeizinhos dobrados na rua; Khlébnikov vem comer uma refeição silenciosa em minha casa.

Nesse trecho, observamos um comportamento comum no contexto russo do século XX: o sussurro. As imagens lembradas pela personagem destacam espaços e acontecimentos que não são somente individuais, mas também de uma memória coletiva, demonstrando que a atitude de sussurrar os poemas para não os esquecer não é um comportamento exclusivo de Nadejda, como a própria narrativa destaca:

Meu sussurro avança lento pelas ruas e se encontra com os sussurros de Vária, Varvara, Tatianna, Nadja, Anna, Malinka, Ekaterina, Svetlana, Iulia, Vera, Liubov, Aleksandra, Maria, Olga, Anastácia, Sófia, Elena, todas nós dizendo as cartas, poemas, aforismos, teorias, equações, teoremas, sentenças, ensaios, peças, roteiros, projetos, tabelas, fórmulas, partituras, romances, notícias, constelações. Nós mesmas não nos conhecemos, mas nossos sussurros sim, eles se cruzam... (JAFJE, 2020, p. 19)

A narradora, como vemos, conclama outras mulheres que, assim como ela, “sussurram”, conservando suas memórias, para que os acontecimentos e as obras, sobre a opressora ordem de silenciamento não caíssem no esquecimento.

Nadejda viveu tempo suficiente para ver os poemas que por tanto tempo sussurrou registrados e conhecidos, realizando seu desejo de manter Óssip vivo, conforme registra Jaffe (2020, p. 49):



quando ele ainda era vivo, talvez maior, e agora eu entendo que não foi só para proteger os poemas do esquecimento. Foi também para continuar perto dele e ele perto de mim, para que um amor que sempre foi físico e erótico — à noite todas as nossas discordâncias se dissolviam — tivesse uma continuidade também concreta, pela voz e pelo som. Todo poema que falo me faz sentir mais redonda, as sílabas se reunindo na boca, passando pela língua me fazem subitamente bonita, as palavras sendo sopradas pelos círculos de fumaça, que assopro a cada tragada, me transformam rápido numa coquete. É patético, mas ainda tenho uma intimidade, eu que me dediquei a apagá-la. E depois, quando os livros de Óssip foram finalmente publicados e eu não precisei mais sussurrar, agora, nestas noites vazias de palavras, as lembranças retornam insípidas, sem carne, como se fossem névoa, coisa de que não gosto. Não tenho nenhum apego a coisas que escapam nem a evocações românticas. Gosto de apalpar o mundo, cabeceá-lo e, quando posso, chutá-lo para que as coisas reajam e eu possa brigar e rir. Não sou de ficar sorrindo langorosamente com saudades, nem de Óssip nem de nada, nem mesmo de mim, do que fui e muito menos do que deixei de ser. Sou, agora, a mesma de sempre: Nadejda Mandelstam, ninguém.

A história contada pelo olhar de Nadejda recupera a mulher por trás do artista, a companheira que, com sua lealdade e sua voz, ecoa os poemas que serão entoados não apenas pelo seu valor estético e artístico, mas pela grandeza e força da mulher que os guardou em suas memórias, em seus sussurros, em sua existência, como demonstra o trecho abaixo:

por que nos incomodar com a fome, a perspectiva do exílio, a falta de agasalho e abrigo, a solidão, se ali estava a arte abraçando a nós e a tudo, se insurgindo do fundo do tempo e persistindo além das coisas, das rações do governo e das solas dos sapatos, dos vizinhos informantes, das torradeiras e de Stálin? (JAFFE, 2020, p. 55).

Assim como sussurros sopram na Rússia stalinista, vozes também ecoam no Vale do Jequitinhonha, em cantos de trabalho de lavadeiras e barqueiros que guardaram um jeito de ser e estar no mundo. Lira Marques, com sua sensibilidade aguçada, recolheu e adaptou muitas dessas canções que, assim como na Rússia silenciada que sussurra, refletem o Vale em suas dores, amores e esperanças. Na voz que se ouve da pequena embarcação, que risca as águas do velho Rio Jequi, um barqueiro canta seu lamento...

Beira-mar, beira-mar novo, foi só eu é que cantei
 Ô beira-mar, adeus dona, adeus riacho de areia
 Foi só eu é que cantei, ô beira-mar adeus dona
 Adeus riacho de areia.
 Vou remando minha canoa, lá pro poço do pescueiro
 Ô beira-mar, adeus dona, adeus riacho de areia
 Adeus, adeus, toma adeus, que eu já vou me embora
 Eu morava no fundo d'água, não sei quando eu voltarei
 Eu sou canoeiro, vou remando minha canoa,



Lá pro poço do pesqueiro, ô beira-mar, adeus dona,
 Adeus riacho de areia, eu não moro aqui,
 Nem aqui quero morar, ô beira-mar, adeus dona,
 Adeus riacho de areia, arriscando minha vida,
 Por uma coisinha de nada, ô beira-mar, adeus dona,
 Adeus riacho de areia.
 (BEIRA-MAR..., 2002).

Halbwachs (2013) conta que as memórias de um sujeito nunca são apenas suas, e que nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social. Além disso,

uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstruir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso. (HALBWACHS, 2013, p. 31).

Desse modo, lembranças e memórias transmitidas pelo exercício da oralidade tecem o emaranhado que sustenta o patrimônio cultural imaterial de um povo, sua herança sociocultural, histórica e comunitária.

Assim como Nadejda traçou sua vida no compromisso de guardar na memória a poesia de Óssip – que também compunha a herança cultural dos russos –, Lira Marques recolhe, adapta e registra a herança oferecida pelo Vale do Jequitinhonha ao povo brasileiro. Na parceria com Frei Chico, a cultura popular do Vale ganhou dimensões e ultrapassou os limites do rio, dando visibilidade e reconhecimento ao fazer das gentes. De acordo com Moura (2020, p. 12), Frei Chico é

[...] sacerdote, músico e trovador [...]. Para ele a cultura do povo do Vale do Jequitinhonha era muito rica em conhecimento de vida e de religião, à qual tudo estava relacionado. Passou a ver importância, beleza e significado em tudo que via e ouvia: o canto da cozinheira Filó, na casa paroquial; as canções e as cerâmicas de Lira Marques; coleção de benditos e orações de fiéis que foi colhendo sistematicamente. “Tudo que cai no anzol é peixe”. Tudo que os estudos científicos e filosóficos, estabelecidos por meios formais e eruditos, estava presente na cultura popular, transmitido pelas tradições. Através de seus representantes, o povo fala: o mestre de folia de reis, a rezadeira, o capitão de congados, a mãe de santo, cordelista, contadores de história, recitações e provérbios e orações.

Nos grotões do Vale do Jequitinhonha, Lira Marques segue seu ofício da artesã e recolhadora dos cantos de trabalho que versam sobre as dores e sabores de uma terra surrada pela seca, desrespeitada pelo capital e sobrevivente na essência da cultura popular



que resiste, encanta e alcança outras vozes nos mais distantes cantos do mundo. Os registros disponíveis no site do projeto Saberes plurais – Museu Virtual apontam que

Lira é uma educadora popular, que administrou cursos explicando os mistérios do barro e do fogo, a colheita das terras coloridas e seu uso na pintura. É também uma líder comprometida com a política social. Não sabe fazer discurso na praça, do alto do coreto. No entanto, com convicção, mostra a trabalhadores rurais e a pobres e analfabetos o que está errado e como deve ser mudado. Seus trabalhos artísticos, de caráter marcadamente pessoal, mas perfeitamente coerentes com a cultura do Jequitinhonha, já foram mostrados em muitas exposições organizadas por galerias e instituições diversas, tanto no Brasil como no exterior. Mulher consciente e de personalidade forte, é uma verdadeira mestra no barro e na arte de viver, embora sem nunca ter frequentado uma academia de belas artes. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2021).

Assim, Lira segue seu trabalho de despertar o olhar sensível das pessoas por meio da arte da cerâmica e das canções que podem ser conhecidas e reconhecidas nas vozes dos integrantes do Coral Trovadores do Vale e, ao mesmo tempo, resguarda as memórias de uma vida que floresceu em meio às dificuldades e à invisibilidade de um Brasil ainda pouco conhecido, pouco experienciado e pouco valorizado. A arte de Lira Marques é também um ofício

[...] representado aqui por muitas pessoas, em sua grande maioria, mulheres. Dona Ana do Baú e Dona Vitalina, de Minas Novas; Dona Izabel Mendes da Cunha, de Santana do Araçuaí, município de Ponto dos Volantes; Lira Marques, de Araçuaí; Noemisa Batista dos Santos, de Ribeirão de Capivara, município Carai; Zezinha, de Campo Buriti, na divisa dos municípios de Turmalina e Minas Novas; Dona Zizi, de Guaraniândia, município de Jequitinhonha; João Alves, município de Taiobeiras; Ulisses Mendes, município de Itinga, Leo, município de Jequitinhonha. Podemos incluir aqui também a Zefa, de Araçuaí, que iniciou-se na arte trabalhando com barro, porém devido a problemas de saúde relacionados ao ofício passou a esculpir em madeira. Representam-se aqui também os ceramistas da Família Pereira, núcleo iniciado por Dona Maria José Chaves e pelo falecido Ulisses Pereira, de Santo Antônio, Carai; especialmente, Margarida, José Maria e Rosana. Além dos citados nominalmente, há muitos outros artesãos ceramistas em atividade atualmente, especialmente nos núcleos de Campo Alegre e Campo Buriti (Turmalina/ Minas Novas), Pasmado e Pasmadinho (Itinga) e Santana do Araçuaí (Ponto dos Volantes). Os ceramistas do Vale do Jequitinhonha obtêm a matéria-prima (barro) geralmente de locais próximos às suas casas. Cuidam da retirada, do transporte e do preparo do barro. Modelam sem a utilização de tornos ou moldes. Pintam geralmente com tintas obtidas do barro, explorando as diferentes tonalidades naturais, às vezes utilizando-se de pigmentos minerais e vegetais também. Por fim, as peças são queimadas em forno de barro, construídos por eles próprios. De acordo com essas características, acredita-se que a arte cerâmica do Vale tenha forte influência indígena. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2021).



Juntos, Lira Marques⁴ e Frei Chico recolheram e registraram canções, artefatos, histórias e vivências, garantindo a sobrevivência de um inventário cultural repleto de riquezas pertencentes aos brasileiros e a todos os povos do mundo.

3. Canções e sussurros entrelaçam mulheres, saberes e culturas

Vamos embora gente, olha o apito do trem
Vamos seguir a história com a canção brasileira
Para que nossa memória não se acabe em poesia.
(TREM..., 1996).

Uma voz ecoa nas Gerais, a voz de Maria Vânia. Nascida em São Gotardo, no coração do cerrado mineiro, preserva de suas memórias de infância as imagens de um cenário composto por árvores retorcidas e passarinhos cantadores. Nas lembranças bem guardadas estão as brincadeiras de rua, os tempos de domingo em volta da mesa com café, o pão feito em casa e a presença familiar. O quintal, o mato e a beira do rio compõem suas primeiras experiências musicais. Cantar ouvindo o barulho do vento, o farfalhar dos bichos e as vozes da mãe e da irmã permitiram que Maria Vânia carregasse, por toda a vida, um profundo amor pela vida simples, pelo povo que canta o trabalho, que dribla a pobreza e que produz cultura. Esse canto que reflete a vida e o vivido é como um ritual intuitivo, rezado e sentido; como um baú de memórias, recordações e esquecimentos. Quando esse baú se esvazia, “esquecemos há muito tempo o ritual sob o qual foi edificada a casa de nossa vida” (BENJAMIN, 1987, p. 12).

Em sua trajetória de menina pobre, filha de uma família com muitos irmãos, o trabalho chegou cedo, aos 9 anos. Entre as tarefas de cuidar de outras crianças menores e acompanhar as irmãs mais velhas, indo com elas de cidade em cidade, guarda lembranças felizes do tempo de escola em que as apresentações cívicas e festivas permitiram que a menina se apresentasse, cantasse e se conectasse cada vez mais com os enredos da cultura popular. Sua riqueza cultural é explicitada nas composições do grupo musical que fundou junto ao marido e os dois filhos e que se expressa de forma poética, como na letra da música Para fazer uma canção, cuja letra instiga a pensar: “Para fazer uma canção, digo adeus a toda gente, dou ao vento minhas mãos, passo lá no sol poente” (EMBORNAL..., 2006).

⁴ Conheça mais da artista na página disponível em: <https://www.artesol.org.br/donalira>. Acesso em: 02 set. 2023.



Assim como Nadejda, no contexto de uma vida regida pelo totalitarismo, e Lira Marques, com sua luta para florescer em uma terra rica culturalmente, porém assolada pela desigualdade social, Maria Vânia se coloca como mais uma voz em favor do direito ao fazer cultural, em um campo artístico, no caso a música, onde as mulheres ainda lutam para construir seu próprio caminho e seguir vivendo na busca por uma existência plena, digna e fraterna.

Na trajetória do grupo Trem das Gerais, que já soma 25 anos, Maria Vânia entrelaçou as canções autorais a outras vozes femininas cuja leveza, poesia e força constituíram um repertório musical, vibrante e repleto de memórias e significados. Diana Pequeno, Denise Emmer e a própria Lira Marques figuram entre as cantoras admiradas, produzindo, assim, um coro de vozes cantadeiras que se consolidam como patrimônio cultural imaterial de um povo que ainda tem muito a conhecer de sua história e de suas gentes.

Nas canções compostas pelo grupo/família, é possível perceber o traço da conversa entre amigos, dos fins de tarde regados a café, quitandas e prosas, de momentos em que lembranças de pessoas e lugares se transformam em canções e poesias.

Subi a serra, bebi água da nascente
 Muita flor e muito verde pra gente admirar
 De longe eu vi alaranjado e reluzente
 Todo imponente, era o lobo guará
 Era o lobo guará
 Era o lobo guará
 Alaranjado e reluzente era o lobo guará

Tamanduá sobre manso e paciente
 Procura sem dar bandeira, formiguinhas pra comer
 É só magia, paz e harmonia
 Os passarinhos em cantoria alegam esse lugar
 Penso que fadas, gnomos e duendes
 Forças da natureza, todos eles moram lá
 Todos eles moram lá
 Todos eles moram lá
 Fadas, gnomos e duendes
 Todos eles moram lá

A natureza que é mãe do céu, da terra
 Tá travando uma guerra com os homens do lugar
 Que por dinheiro, por poder e por ganância
 Tá acabando com a herança que a terra quer deixar
 Que a terra quer deixar, que a terra que deixar
 Tá acabando com a herança que a terra quer deixar
 O velho Chico serpenteia toda a serra
 Vai benzendo essa terra e os bichos do lugar
 Terra de ema, tamanduá, siriema (sic), onça parda



Tatu e lobo guará
 Tatu e lobo guará
 Sirema (sic), onça parda, tatu e lobo guará
 (EMBORNAL..., 2006).

Em seu fazer artístico, relembra as dificuldades que a impediram de concluir o ensino médio, e a escolha que fez de se dedicar integralmente ao cuidado dos filhos, o que não lhe permitiu o fôlego necessário para retomar os estudos – ponta de tristeza que ainda carrega consigo, por sentir falta de uma parte da vida que sempre considerou importante, mas que não foi e não será vivida. Em contrapartida, carrega nas letras e melodias a presença marcante da arte em forma de artesanato, culinária e cantoria. Cantorias de afeto para adormecer as crianças, lembrar a infância e a casa cheia de memórias, aprendizados e escolhas. Quando se apresenta, o Trem das Gerais leva para o palco a sua alma, o cheiro da casa, o dia a dia da lida e a marca da mineiridade.

Para além de uma carreira artística, o legado de Maria Vânia começa em casa, com os filhos; e para eles eterniza sua forma poética de ver e estar no mundo na canção que leva o nome do segundo disco do grupo, Embornal de Cantoria. O embornal é conhecido, na região do Triângulo Mineiro, como uma capanga, ou sacola, que se usa a tiracolo, muito útil para se transportar pequenos utensílios, coisas de primeira necessidade. Na letra, Maria Vânia deixa de herança para sua descendência o que considera mais caro e de primeira necessidade:

Juca chame Pedro pra folia
 Não deixe o couro do tambor calar
 Traga o embornal de cantoria
 Que a vida te ensinou a apreciar.

Cante uma canção de esperança
 Cante a vida, a harmonia
 Cante o amor
 Siga seu caminho com alegria
 Quem planta vida
 Colhe sempre flor
 (EMBORNAL..., 2006).

4. Considerações finais

Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
 É preciso ter sonho sempre
 Quem traz na pele essa marca



Possui a estranha mania de ter fé na vida.
(MARIA..., 1978).

Três mulheres, três histórias distintas, atravessadas por contextos políticos, históricos, sociais e artísticos. Três vozes que ressoaram e ressoarão em seus feitos, histórias e memórias. As histórias, os sussurros e as canções discutidas aqui tratam muito mais do que as vidas, as conquistas e as angústias dessas três mulheres. Dizem respeito também ao fazer cultural que perpassa o dia a dia, consolidando memórias culturais, patrimônios imateriais e novas formas de ser e estar no mundo, contribuindo para que a sensibilidade ultrapasse gerações e encontre guarida em novos corações e novas mentes.

Nos trieiros das Gerais, no Triângulo Mineiro, enquanto tece suas memórias e espera pacientemente o retorno das andanças pelo Brasil, levando violas, tambores e cantorias, Maria Vânia prepara, em família, mais um trabalho musical do grupo Trem das Gerais. As novas canções farão parte do terceiro disco e, segundo ela, serão como janelas abertas, por onde se vê a paisagem de um cerrado que parece morto, com suas árvores retorcidas e secas, mas que, no tempo certo, explode nas floradas douradas dos ipês que forram, com suas flores amarelas, o palco onde canta o sabiá, anunciando a primavera.

Nadejda, Maria Vânia e Lira Marques, cada uma em suas circunstâncias, teceram e tecem suas vivências, suas artes e deixam rastros de memórias. Enquanto houver leitores para os poemas de Óssip Mandelstam, ouvintes para as composições do grupo Trem das Gerais e sensibilidade para apreciar a arte que nasce no coração do Vale do Jequitinhonha, haverá também possibilidade de preservar, cuidar e disseminar toda essa riqueza cultural, da qual essas três mulheres fazem parte

Referências

BEIRA-MAR novo. Intérprete: Milton Nascimento. Compositores: Milton Nascimento, Frei Chico e Lira Marques. In: PIETÁ. Intérprete: Milton Nascimento. [S. l.]: Savoy Jazz, 2002. 1 CD, faixa 13.

BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única**. Obras Escolhidas II. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DELEUZE, Gilles. La littérature et la vie. In: DELEUZE, Gilles. **Critique et clinique**. Paris: Minuit, 1993. p. 11-17.

EMBORNAL de cantoria. Intérprete: Grupo Trem das Gerais. Compositores: Adolfo Figueiredo e Maria Vânia Art. In: EMBORNAL de cantoria. Intérprete: Trem das Gerais. Rio de Janeiro: BGM Brasil, 2006. 1 CD.



HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

JAFFE, Noemi. **O que ela sussurra**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2020.

LUZ, Cleber da Silva. **O que ela sussurra?** Figurações da memória no romance de Noemi Jaffe. *Garrafa*, v. 19, n. 55, p. 88-108, jan-jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/issue/view/Janeiro%20-%20Junho/showToc>. Acesso em: 11 jan. 2023.

MARIA VÂNIA ART. Facebook: <https://www.facebook.com/maria.vania.731>. Acesso em: 06 dez. 2022.

MARIA, Maria. Intérprete: Milton Nascimento. Compositores: Milton Nascimento e Fernando Brant. In: *CLUBE da esquina 2*. Intérprete: Milton Nascimento. [S. l.]: EMI-Odeon, 1978. 1 Disco de vinil, faixa 8.

MOURA, Antônio de Paiva. **Frei Chico**: a jornada do herói. *Carranca*, Belo Horizonte, n. 3, p. 12-12, jul.-set. 2020. Disponível em: http://www.folcloreminas.com.br/Carranca03_20.pdf. Acesso em: 07 dez. 2022.

MUSEU DA PESSOA. **Maria Lira Marques Borges**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/pessoa/maria-lira-marques-borges-16533>. Acesso em: 07 dez. 2022.

TREM da história. Intérprete: Rubinho do Vale. Compositor: Rubinho do Vale. In: *SER criança*. Intérprete: Rubinho do Vale. [S. l.]: M&D Music, 1996. 1 CD, faixa 19.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Lira Marques. **Saberes plurais** – Museu virtual, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/saberesplurais/artista/mestra-lira-marques/> Acesso em: 06 dez. 2022.

